



**A ILUSÃO DA MORTE COMO LIBERTAÇÃO EM A *REDOMA DE VIDRO*,
DE SYLVIA PLATH**

Daniela Maria Nazaré da Silva Cândido¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar como o romance *A Redoma de Vidro*, da escritora norte-americana Sylvia Plath, dialoga com as teorias do filósofo Arthur Schopenhauer. Conhecido como pessimista, o estudioso afirma que o suicídio não é a solução para fugir da vida que, para ele, é sinônimo de dor e sofrimento. Na narrativa de Plath, sua personagem principal, Esther, conta sua própria história. Como os acontecimentos ocorridos com a protagonista, muitas vezes, coincidem com as vivências da escritora, o romance adquiriu caráter autobiográfico. Para Schopenhauer é possível observar o lado obscuro do ser humano quando este se dispõe a escrever uma autobiografia, pois ele coloca em evidência mesmo o que seria digno de ser escondido, como inveja, ódio, rancor, traumas, tristeza. A personagem Esther, então, revela seus sentimentos mais profundos. Devido a seu estado depressivo, ela tenta suicídio algumas vezes, na terceira tentativa, é encontrada desacordada, dopada por comprimidos e por isso, é internada em um hospital psiquiátrico. As ideias de Esther/Sylvia coincidem com as de Schopenhauer em muitos aspectos. Como ele, ela considera a vida um fardo. O próprio nome do romance propõe seu sentimento de estar presa, sufocada, como se algo a obrigasse a permanecer viva, mesmo a vida sendo insuportável. No entanto, sua forma de refúgio é a morte, o que para Schopenhauer seria uma ilusão. Para ele, quando um ser morre, tudo continua, a vontade de viver permanece e o sol não para de brilhar.

Palavras-chave: Autobiografia; Suicídio; Sylvia Plath; Schopenhauer.

ABSTRACT: This article aims to show how the novel *The Bell Jar*, the American writer Sylvia Plath, dialogue with the theories of the philosopher Arthur Schopenhauer. Known as pessimistic, the expert says that suicide is not the solution to escape life, which for him is synonymous with pain and suffering. In the narrative of Plath, his main character, Esther, tells his own story. As the events with the protagonist often coincide with the experiences of the writer, the novel acquired autobiographic feature. For Schopenhauer is possible to see the dark side of the human being when he has to write an autobiography because it highlights just what would be worthy to be hidden, like jealousy, hate, anger, trauma, sadness. The character Esther then reveals her deepest feelings. Due to his depressive state, she tries to suicide a few times, on the third attempt, is found unconscious, drugged by pills and it is admitted to a psychiatric hospital. The ideas of Esther / Sylvia coincide with those of Schopenhauer in many ways. Like him, she finds life a burden. The name of the novel itself suggests their sense of being trapped, suffocated, as if something forced her to stay alive, even life being unbearable. However, their way of escape is death, which for Schopenhauer would be an illusion. For him, when a being dies, everything goes, the desire to live remains and the sun still shines.

Keywords: Autobiography; Suicide; Sylvia Plath; Schopenhauer.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela UEL – dmnazare@yahoo.com.br



Sinto-me desterrada numa estrela fria, incapaz de sentir qualquer coisa exceto um terrível atordoamento paralisante. Olho para o mundo quente, telúrico. Para o amontoado de camas de casal, berços de bebê, mesas de jantar, toda a sólida atividade vital desta terra e me sinto distante, presa numa jaula de vidro. (Sylvia Plath)

É interessante a maneira como Arthur Schopenhauer descreve a vida. Para ele, todos os seres vivos são apenas fenômenos de uma vontade que nada mais é do que o essencial do universo. Assim como qualquer outro ser, os humanos ficam restritos a essa vontade, que é a coisa em si. Esta quer sempre a vida que, de acordo com o filósofo, não passa de um acidente. “Nascimento e morte, dois acidentes que pertencem igualmente à vida” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 289).

Se a partir da visão de Schopenhauer a *vida* é um acidente, entende-se que estar nesse mundo é apenas uma ocasião e ninguém tem muita razão de ser. Viver é somente cumprir “o desejo” de vida da Vontade. Não havendo outra explicação para se passar os dias respirando; o motivo para acordar todos os dias se torna sem sentido.

Segundo Schopenhauer, “a vida não admite nenhuma felicidade verdadeira”. Ela é sinônimo de sofrimento e de miséria (SCHOPENHAUER, 2001, p. 339). Tem-se, assim, o intuito de analisar a narrativa de *A Redoma de Vidro* (1999), de Sylvia Plath aplicando as teorias do filósofo de *O mundo como vontade e representação* (2001). Apesar de muitas divergências críticas para classificar este trabalho da escritora como um romance autobiográfico e/ou uma autobiografia, estas questões sobre a forma literária usada pela autora, neste artigo, não serão trazidas à tona.

É importante destacar que o romance em foco é norte-americano, originalmente denominado *The bell jar*. Escrito por Sylvia Plath, segundo Ana Cecília Carvalho, em 1961, foi publicado pela primeira vez na Inglaterra com o pseudônimo de Vitoria Lucas (CARVALHO, 2003, p. 32). A autora da obra cujo título foi traduzido em português como *A redoma de vidro*, suicidou-se em 1963.

No romance, a protagonista Esther Greenwood conta sua história no momento em que fazia parte da equipe editorial de uma revista feminina em Nova York. A personagem retrata os fatos que antecederam sua tentativa de suicídio (CARVALHO, 2003, p. 67). Convém explicar que mais do que os acontecimentos precisos da vida de Esther, privilegia-se ressaltar as confissões, os sentimentos, o estado de humor, a visão e postura perante as circunstâncias da vida que a narradora relata ao leitor e, como já foi dito, relacioná-los com as teorias de Arthur Schopenhauer.



Consoante com Ana Cecília Carvalho, a personagem Esther de *A Redoma de Vidro* tem muitos traços em comum com sua autora (CARVALHO, 2003, p. 68). Levando em conta essas coincidências, analisar-se-ão as questões autobiográficas da narrativa à luz da teoria de Arthur Schopenhauer.

O primeiro elemento que permite tal análise é o pessimismo encontrado no enredo construído por Sylvia Plath, cujo sentimento, obviamente, também percorre toda a corrente teórica de Schopenhauer em relação à vida. Esta, para Esther, que será o alvo do presente trabalho, é permeada por tristezas, desânimo e depressão.

Uma segunda questão é o próprio título do romance. Conforme o leitor toma conhecimento da vida de Esther, percebe que ela vive como se estivesse sufocada ou aprisionada por algo de que não consegue escapar. Devido à sua insatisfação, angústia e sofrimento, muitas vezes, sem saber qual o motivo de tantas perturbações, a narradora-personagem tenta se livrar do que lhe causa sufocamento: *A redoma de vidro*.

A partir disso, é possível se fazer a leitura que a vida para Esther é uma redoma que a sufoca e a obriga a permanecer nesse martírio de sofrimento, do qual ela não consegue se livrar. A redoma a aprisiona, embora seja frágil por ser de vidro. É mais ou menos o que é a vida para Schopenhauer. Para ele, o ser humano se encontra numa situação sem remédio. O homem como realização objetiva da vontade, vê-se impossibilitado de escapar dela: “[...] esta situação do homem perdido sem remédio é a própria imagem da nossa impotência para lançar longe de nós a vontade, uma vez que a nossa pessoa é apenas a realização objetiva desta última” (SCHOPENHAUER, 2001, p.343). Uma das estudiosas das obras de Sylvia Plath, Ana Cecília de Carvalho, também comenta esse aprisionamento vivido por Esther. Para a autora, a personagem se vê aprisionada num cenário de “angústia, indiferença e confusão” (CARVALHO, 2003, p.68).

Por fim, além da forma que a personagem de *A redoma de vidro* encara a vida, outra questão permite que se faça uma análise da obra relacionando-a com as teorias de Schopenhauer: a existência de elementos autobiográficos. Ana Cecília Carvalho classifica o romance em questão das seguintes formas: “A escrita do eu”, “A poética autobiográfica”, “O discurso da melancolia”, “A poética confessional”, “A poética do suicídio”. Essas caracterizações, bem como a afirmação da autora de que “é impossível deixar de notar a semelhança de algumas dessas passagens sobre o sofrimento emocional e as anotações feitas nos diários de Sylvia Plath. [...] As poucas anotações dos diários [...] dão-nos uma medida do material que será transformado em ficção em *The bell jar* (2003, p.69)”, permite-nos a possibilidade de considerar a narrativa de Sylvia Plath dentro dos parâmetros estabelecidos por Schopenhauer para definir uma autobiografia.



Para o filósofo, numa autobiografia é possível visualizar o homem como ele realmente é. Este quando decide escrever uma autobiografia, segundo Schopenhauer, coloca-se, voluntariamente, a si mesmo no confessional, dando a possibilidade de se deixar conhecer, expondo ao leitor, o interior humano que será visto mais de perto e individualmente, mas não deixando de universalizar os sentimentos, isto é, demonstrando o que todo e qualquer ser humano é capaz de sentir:

O homem que descreve a sua vida vê-a no seu conjunto de uma só vez; o pormenor parece-lhe pequeno, o próximo afasta-se, o longínquo aproxima-se, as contemplações desaparecem, coloca-se a ele mesmo no confessional, e isso voluntariamente; aí o espírito de mentira já não o agarra tão facilmente, visto que tem em cada homem a inclinação de dizer a verdade, que ele tem que sempre recalcar para mentir (SCHOPENHAUER, 2001, p. 261).

O filósofo ainda compara o historiador com o autor de uma autobiografia. Para ele, enquanto o primeiro caracteriza o ser humano de uma forma mais generalizada, o segundo possibilita o conhecimento do homem num grau maior de profundidade, mais detalhadamente. É possível identificá-lo de uma forma distinta e reconhecê-lo em suas particularidades essenciais:

A relação entre uma biografia e a história deixa-se ver pela comparação seguinte: a história mostra-nos a humanidade, com a natureza nos mostra a paisagem do alto de uma montanha: vemos muitas coisas com um só olhar, vastos espaços, grandes massas; mas nenhum objeto é distinto nem reconhecível nas suas particularidades essenciais; a biografia pelo contrário faz-nos ver o homem como vemos a natureza, quando a estudamos, passando das árvores às plantas, às rochas, aos lagos (SCHOPENHAUER, 2001, p. 261).

Na narrativa de Sylvia Plath, a personagem se dispõe a confessar suas particularidades e seus sentimentos mais profundos. Conforme Schopenhauer, “uma biografia fiel mostra-nos numa esfera estreita o modo de agir do homem com todos os seus cambiantes e todas as suas formas, sabedoria, virtude, santidade em alguns, ignorância, baixeza, malvadez, na maioria, e em outros, também, perversidade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 260). Entenda-se fidelidade aqui, como alguém que se propõe a transparecer o que está guardado no mais profundo do ser humano, mesmo que sejam sentimentos considerados negativos e dignos de serem ocultados. No caso de Esther, a personagem demonstra, quando registra uma parte de sua vida, até mesmo o seu lado mais mesquinho.



No primeiro capítulo do romance, Esther, a narradora e personagem principal da história se declara com inveja de suas amigas ricas. Conforme sua narrativa, ela provinha de família pobre e desejava ter oportunidades semelhantes às de suas companheiras que desfrutavam de confortos e luxos, que ela, até aquele momento, ainda não havia conhecido:

Esse tipo de garotas me irrita. Fico com tanta inveja que perco a fala. Tenho dezenove anos e a única vez que saí da Nova Inglaterra foi para essa viagem a Nova York. Foi minha primeira grande oportunidade, mas lá estava eu, encostada e deixando a chance escorrer como água por entre os dedos (PLATH, 1999, p.10).

A partir desse trecho, além do sentimento de inveja, também se pode observar que, embora ela tenha desejado ter novas experiências como viajar para outros lugares, uma vez que Esther narra ser a primeira vez que sai de sua cidade, ela não consegue aproveitar o momento em que tanto sonhou, isto é, estava “deixando a chance escorrer como água por entre os dedos” (PLATH, 1999, p. 10).

Neste e em muitos outros momentos Esther se demonstra insatisfeita ou mantém uma empolgação apenas passageira. Nesse trecho citado acima, ela admite que havia desejado ter o que ela estava vivendo naquele período, mas depois da conquista, seu ânimo volta ao estado anterior.

É mais ou menos dessa forma que Schopenhauer caracteriza os seres humanos. Para ele, somos sujeitos que sofrem por desejar e mesmo depois de conquistado aquilo que almejamos o sofrimento não cessa: “Todo desejo nasce de uma falta, de um estado que não nos satisfaz, portanto é sofrimento, enquanto não é satisfeito. Ora nenhuma satisfação dura, ela é apenas ponto de partida de um novo desejo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 325).

Algo muito parecido acontece quando Esther narra os fatos no período em que está trabalhando em Nova York depois de ganhar um concurso para ser escritora de revista de modas. A personagem destaca o quanto ficava “empolgada” com os presentes que recebia, mas sua satisfação era verdadeiramente passageira. Um tempo depois voltava a seu estado “normal”:

Percebi que ganhávamos pilhas de presentes porque era boa propaganda para as empresas que os enviavam, mas eu não conseguia disfarçar. Ficava empolgada com todos aqueles brindes que choviam sobre nós. Escondi-os durante muito tempo, mas, depois que me curei, tirei-os do armário e ainda estão pela casa (PLATH, 1999, p. 10).



“Ter se curado”, para a personagem, é o mesmo que perder a “empolgação”, em outras palavras, é voltar ao seu estado “normal” ou à condição em que se encontrava antes. Esther também comenta sobre a vida “tediosa” de suas amigas ricas. Embora a rotina destas fosse diferente da sua, pois desfrutavam de passeios de iate, de avião, entre outras coisas, as meninas demonstravam estar insatisfeitas tanto quanto a narradora do romance:

Eu achava que essas meninas viviam num grande tédio. Encontrava-as no solário do hotel bocejando, pintando as unhas e tentando manter o bronzeado que conseguiram nas Bermudas, e elas pareciam completamente entediadas. Conversei com uma, que estava cansada de iates, cansada de andar de avião, cansada de esqui na Suíça no Natal e cansada dos homens no Brasil (PLATH, 1999, p. 10).

As atitudes das amigas de Esther bem como as dela própria vão de encontro com as afirmações de Schopenhauer sobre a realização de um desejo que, para ele, nada mais é que um “alvo ilusório”. Para a narradora-personagem, não tinha sentido uma vida tediosa para as meninas que desfrutavam de tanto luxo e conforto. No entanto, estas não escapavam do tédio. Esther, por sua vez, criticava as companheiras, mas também não se sentia repleta de alegria e satisfação. Estas faziam parte de momentos rápidos e passageiros de sua vida. Como se pode observar neste caso, o aborrecimento percorre as diferentes classes sociais. É exatamente o que Schopenhauer teoriza: “no homem, nem a alegria nem o humor triste são determinados por circunstâncias exteriores, como a riqueza ou a situação do mundo: isso é mesmo uma situação evidente; vêem-se pelo menos tantos rostos risinhos entre os pobres como entre os ricos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 332).

A partir dessas experiências que a narradora compartilha com o leitor, percebe-se que as diferentes formas de vida não mudam os sentimentos das pessoas em relação a ela. Riqueza e luxo não deixam as conhecidas de Esther mais satisfeitas; esta, por sua vez, não se livra do aborrecimento por conseguir alcançar, gradualmente, seus objetivos. As observações divulgadas pela personagem retratam bem os conceitos de Schopenhauer em relação à vida humana. Para ele, desejar e sofrer são sinônimos e a realização de um desejo traz um alívio passageiro:

Entre os desejos e as suas realizações decorre toda a vida humana. O desejo, pela sua natureza, é sofrimento; a satisfação engendra bem depressa a saciedade. O alvo era ilusório, a posse rouba-lhe o seu atrativo; o desejo renasce sob uma forma nova, e com ele a necessidade; senão é o fastio, o vazio, o aborrecimento, inimigos mais violentos ainda que a necessidade (SCHOPENHAUER, 2001, p. 329).



Conforme discorrido por Schopenhauer na citação acima, o desejo satisfeito que deixa de ser interessante depois de sua posse dá espaço para um novo anseio. É o que ocorre com Esther que por fazer parte de um mundo diferente, diz-se “impressionada” com a vida de alto padrão de sua amiga Doreen. A narradora-personagem, apesar de ter conquistado o cargo de escritora em uma revista feminina e, devido a isso, ser rodeada de mimos, não se sente completamente realizada. Essa conquista deixou de ser interessante e passa a almejar algo que só conhecia por meio das experiências vividas e relatadas por sua amiga:

Ela disse que sua faculdade era tão elegante que todas as alunas usavam os livros encapados com o mesmo tecido do vestido; assim, sempre combinavam com a roupa. *Esse detalhe me deixou impressionada. Davam a entender que levavam uma vida maravilhosa, de uma decadência requintada que me atraía como um imã* [grifo meu] (PLATH, 1999, p. 11).

Em alguns momentos da narrativa, a narradora-personagem deposita sua confiança no futuro. Acredita que tomando posse de algo que não tem, sua vida mudará, será mais feliz, mas ao mesmo tempo a ela própria admite que, sua satisfação adquirida após a conquista, é passageira.

Isso se reflete quando Esther comenta sobre sua vida amorosa ou suas dificuldades de relacionamento. Ela confessa desejar um homem quando este parece estar distante. A possibilidade de conhecer alguém de perto a faz perder o interesse: “Eu me interessava por um homem que, de longe, parecia ser maravilhoso, mas, assim que ele se aproximava, via que não valia a pena” (PLATH, 1999, p. 92).

Da mesma forma, de acordo com as “confissões” sobre o que se passava no interior da personagem, entende-se que desejava uma vida cheia de “substituições de felicidades”, isto é, queria conquistar algo que não tinha, depois de adquirir o que lhe estava faltando e lhe causando sofrimento, o interesse acabaria, portanto, teria que desejar obter algo melhor, e assim sucessivamente. É o que transparece quando Esther, no capítulo sete do romance estudado, descreve como gostaria de viver:

Era por isso que eu jamais queria me casar. As últimas coisas que eu queria eram viver em total segurança e ser o arco de onde as flechas são disparadas. Queria sentir emoções e fazer coisas diferentes, me atirar em todas as direções, como as luzes coloridas dos fogos de artifício de Quatro de Julho (PLATH, 1999, p. 92).

O casamento para Esther, segundo suas afirmações, seria símbolo de rotina, de estabilidade, pode-se dizer até mesmo de desejo adquirido e satisfeito. Sendo assim, o sofrimento,



o tédio e o aborrecimento fariam parte de sua vida. Pode-se interpretar a partir do pensamento da narradora-personagem que o casamento poderia sua possibilidade de se “atirar em todas as direções”. Isso talvez signifique que já não poderia mais desafiar a si mesma buscando novas conquistas, sejam elas amorosas sejam em outras áreas. Dentro de um matrimônio teria que suportar viver com uma única pessoa, ainda que esta não mais a atraísse ou mesmo que depois da conquista perdesse o interesse. Além disso, as atividades domésticas diárias não a permitiriam “fazer coisas diferentes”. Percebe-se que Esther está em busca de constantes renovações, ainda que proporcione a ela uma satisfação passageira.

Esther, como conhecedora de si mesma, afirma sua busca incessante por novidades que a façam instantaneamente feliz e ao mesmo tempo confessa sua facilidade em perder o interesse por aquilo ou alguém que tanto desejou antes de obter. Essa questão exposta pela narradora-personagem dialoga com a análise que Schopenhauer faz dos indivíduos. Para ele, sofremos quando desejamos algo que ainda não temos, mas após a conquista, a satisfação vem e logo passa. Assim, voltamos ao estado anterior:

[...] quando uma felicidade longamente desejada nos é por fim concedida, não nos encontramos, pensando bem, nem sensivelmente melhor nem mais satisfeitos do que antes. É apenas no instante em que nos sucedem que essas grandes mudanças nos tocam com uma força inusitada, até atingir a tristeza profunda ou a alegria explosiva; mas um efeito e outro em breve se dissipam, sendo ambos nascidos de uma ilusão; porque, o que os produzia, não era de modo nenhum um prazer ou uma dor atual, mas a esperança de um futuro verdadeiramente novo sobre o qual antecipamos em pensamento (SCHOPENHAUER, 2001, p. 332).

Talvez por Esther se conscientizar de sua facilidade por se desinteressar pelas conquistas anteriormente desejadas, almeja que sua vida seja cheia de surpresas e constantes novidades, para que desta maneira, obtenha instantes de satisfação sem que seu estado paralise a condição “normal” humana discutida por Schopenhauer.

Desde os primeiros capítulos de *A redoma de vidro* é possível observar a constante insatisfação de Esther, talvez até como algo próprio de sua personalidade, levando o leitor a perceber que o estado depressivo da protagonista aumenta gradualmente ao longo da narrativa.

No oitavo capítulo, por exemplo, a narradora-personagem relaciona seu estado interior com as situações exteriores. Assim como é muito comum os indivíduos associarem suas tristezas e desânimos ao mau tempo, Esther faz o mesmo ao descrever a natureza, o tempo frio e escuro, os pinheiros pesados, à tristeza que se acentuava dentro dela à medida que observava esse cenário:



Não sei sobre o que conversamos, mas sei que fui ficando cada vez mais deprimida, à medida que o campo já estava coberto com uma neve espessa foi nos pesando e os pinheiros cerrados vinham do alto das colinas cinzentas até a beira da estrada, de um verde tão escuro que parecia negro, e fui ficando cada vez mais triste (PLATH, 2001, p. 97).

Para Schopenhauer relacionamos nosso estado interior às variações do tempo, isto é, um tempo frio nos faz triste, bem como, um dia ensolarado nos deixa alegres e felizes. É muito comum se identificar o “bom” tempo ao bom humor e o “mau” tempo ao mau humor, exatamente como faz a personagem do romance estudado. Há nesse parágrafo uma variedade de adjetivos que se relacionam à depressão que Esther afirma estar sentindo. A neve é espessa, os pinheiros cerrados, as colinas cinzentas, o verde de tão escuro parece negro, tudo muito parecido com seu interior que estava pesado, espesso, escuro, negro e, finalmente como ela mesma afirma, triste.

No entanto, os sentimentos presentes em nosso interior, de acordo com Schopenhauer, não têm relação com as situações exteriores. Para o filósofo, muitas vezes, sem razão, somos tomados por uma felicidade que não sabemos de onde vem. Do mesmo modo, tempo cinzento, chuvoso ou ensolarado reflete no nosso estado de ânimo que já se encontra alegre ou triste. De acordo com as considerações do filósofo:

[...] as variações que o tempo faz sofrer ao nosso humor alegre ou triste, deveríamos atribuí-las a mudanças não nas circunstâncias exteriores, mas no nosso estado interior. Os nossos acessos de bom humor que ultrapassam o normal, que vão até mesmo à exaltação, manifestam muitas vezes sem causa estranha. Muitas vezes, é verdade, a nossa tristeza é determinada, muito visivelmente, apenas com as nossas relações com o exterior: é aí que está a única causa que nos toca e nos perturba; então imaginamos que bastaria suprimir essa causa, para entrarmos na alegria mais perfeita. Pura ilusão! A quantidade definitiva de dor e de bem estar que nos está reservada é, na nossa hipótese, determinada em cada instante por causas íntimas (SCHOPENHAUER, 1999, p. 332).

Durante todo o texto de Plath, observa-se que Esther não tem um motivo concreto para se sentir tão insatisfeita e triste, como de fato ela, claramente, afirma estar. Trabalhar numa revista, ser escolhida como uma das melhores alunas de graduação para cumprir esse papel, não a fazia mais feliz. Do mesmo modo, nem ela mesma consegue explicar o motivo de sua tristeza. Apenas observa a “triste” natureza e se identifica com ela.



Algo parecido é narrado pela personagem no capítulo treze: “Uma garoa fina começou a cair do céu cinzento e fiquei muito deprimida”. (PLATH, 1999, p. 181). Levando em conta a linearidade do romance, mesmo com todas as digressões feitas pela narradora, afinal ela conta os acontecimentos de um determinado período de sua vida, entende-se que a tristeza e depressão, quase sempre, faziam parte de seu interior.

A personagem, algumas vezes, demonstra ter consciência de que nada teria o poder de modificar seu estado interior. Na transcrição de uma conversa com um amigo, o leitor observa que Esther admite que em qualquer lugar que ela fosse não estaria satisfeita: “Eu *sou* neurótica. Não me sentiria bem na cidade *nem* no campo” (PLATH, 1999, p. 104).

Pode-se afirmar que a vida para a narradora-personagem é repleta de insatisfação. Ela própria tinha consciência de que independente dos acontecimentos em seu cotidiano, não conseguia se apartar do sofrimento. Isso retrata a teoria de Schopenhauer: “o sofrimento não se infiltra em nós vindo de fora, nós trazemos conosco a inesgotável fonte da qual ele sai” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 334).

Partindo dessas considerações, pode-se pressupor que a personagem tem grande fascínio pela morte. Essa impressão é transmitida ao leitor devido à presença constante desse elemento durante toda a narrativa. No primeiro capítulo, por exemplo, Esther comenta uma notícia que estava presente em todos os jornais de Nova York sobre uma sentença de pena de morte. Logo no parágrafo que abre o livro, a narradora afirma que esse assunto não saía de seus pensamentos: “Aquilo não tinha nada a ver comigo, mas eu não conseguia parar de pensar em como seria ser queimada viva, até os nervos” (PLATH, 1999, p. 7).

Esse mesmo assunto é lembrado novamente pela narradora no nono capítulo. Ela pergunta a uma amiga se ela não achava horrível a história dos “Rosenberg” que iam morrer naquele mesmo dia na cadeira elétrica. (PLATH, 1999, p. 112) No entanto, não é somente em relação a outras pessoas que Esther se interessa pela morte. Ela também deseja dar fim à sua própria vida. Porém, apenas o leitor toma conhecimento disso, pois a narradora-personagem “confessa” a ideia que de repente permeou em seus pensamentos: “A ideia de que eu podia me matar brotou na minha cabeça, calmamente – como nasce uma árvore ou uma flor” (PLATH, 1999, p. 107).

Diante de todas as “confissões” de Esther, o leitor conhece um pouco de sua personalidade sombria e de seu egoísmo. No quinto capítulo, de forma semelhante ao já exposto sobre o primeiro capítulo, a personagem admite a inveja que tem de uma amiga por ter mais



posses que ela e por viajar para lugares que ela nunca tinha ido: “Fiquei gelada de inveja. Nunca estive em Yale” [...] (PLATH, 1999, p. 66).

Tanto o desejo de morrer, quanto os sentimentos mesquinhos que Esther expõe em seus relatos demonstram seu egoísmo. Tem-se a impressão que ela enxerga apenas a si mesma e seus infortúnios em relação ao mundo. Nesse sentido, torna-se interessante as considerações de Schopenhauer. Para ele, um sujeito com o conhecimento de que a mesma vontade que está em si também está no outro, consegue superar o egoísmo:

A vontade que vive e se manifesta em todos os homens é uma só, mas as suas manifestações combatem-se e despedaçam-se mutuamente. Ela aparece mais ou menos enérgica, conforme os indivíduos, mais ou menos acompanhada de razão, mais ou menos temperada pela luz do conhecimento. Enfim, nos seres excepcionais, o conhecimento, purificado e elevado pelo próprio sofrimento, chega a esse grau em que o mundo exterior, o véu de Maya, já não pode enganá-lo, em que vê claro através da forma fenomenal ou princípio de individuação. Então, o egoísmo, consequência deste princípio, desaparece com ele (SCHOPENHAUER, 2001, p. 266).

Esther divide com o leitor tudo o que pensa sobre si mesma e sobre a vida de uma maneira geral. No capítulo onze, a morte continua sendo o foco da narrativa. As manchetes de jornal que mais chamam sua atenção são as que se referem à morte e ao suicídio. A reportagem que a personagem transcreve diz respeito a este último tema: “Suicida salvo do parapeito no sétimo andar!” (PLATH, 1999, p. 159). Em uma crítica que faz sobre o jornal a que tinha acesso em sua casa, nota-se que sua preferência é ler os noticiários que divulgam “a realidade” e não os que a ocultam: “Em casa, eu só lia o *Christian Science Monitor*, [...] era um jornal que fazia de conta que não existiam suicídios, crimes passionais e quedas de avião” (PLATH, 1999, p. 151). Todos os artigos a que ela se refere estão relacionados à morte.

Conforme a personagem conta um pouco mais sobre si, o leitor consegue entender que seu fascínio pela morte tem um significado. Esther estuda o tema que mais a atrai, de certa maneira, para planejar o seu suicídio. Sua primeira tentativa é cortar os pulsos dentro de uma banheira cheia d’água, exatamente como ela tinha ouvido um filósofo falar que gostaria de morrer: “Quando perguntaram a um velho filósofo romano como gostaria de morrer, ele disse que cortaria as veias durante um banho morno” (PLATH, 1999, p. 162).

A narradora-personagem, portanto, tem como característica própria o egoísmo de que fala Schopenhauer. Ela consegue somente enxergar seus próprios sentimentos. Tristeza e mesquinhez fazem parte de seu mundo. Esther vive como se nada mais interessasse além dela



mesma. Para Schopenhauer, esse tipo de comportamento nada mais é que uma ilusão: “Pura imaginação que é, a respeito do tempo, o que é a respeito do espaço e daquelas pessoas que imaginam estar no topo da esfera terrestre, estando todas as outras posições por baixo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 295).

O filósofo discorre sobre o tempo presente. Para ele, este é o único com o qual deveríamos nos preocupar, pois o passado precedeu a vida e o futuro seria depois da morte. O que deveríamos ter consciência é de que apenas no presente a vontade pode se mostrar. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 294). No caso de Esther, sua preocupação está voltada para o futuro, isto é, para um depois da morte. Ainda de acordo com Schopenhauer, cada indivíduo imagina que o presente está ligado à sua própria individualidade e que desaparecendo esta, todo o presente também é eliminado, permanecendo somente passado e futuro. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 295)

O constante desejo de morrer, que se identifica na personagem que conta a história aqui estudada, reflete muito bem a teoria de Schopenhauer. Esther não teme perder a vida, mas também de nada adianta buscar a morte como forma de libertação. Para Schopenhauer “temer a morte porque ela nos rouba o presente é como se, porque a Terra é redonda, nos felicitássemos por estar justamente em cima, por felicidade, porque em qualquer outra parte nos arriscaríamos a deslizar para baixo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 295). No entanto, também não devemos desejar a morte a ponto de cometer suicídio, pois de nada adiantaria, uma vez que com a morte do indivíduo, a vontade de viver continua, o que acaba é apenas o fenômeno.

Em outros momentos da narrativa, Esther continua sua investigação para decidir que forma escolheria para morrer. No capítulo doze, tenta cortar os pulsos na banheira de sua casa e pensa em fazer o mesmo num quarto de hotel. As duas possibilidades são deixadas de lado por querer evitar que alguém a impeça.

No capítulo seguinte, a narradora-personagem conta que intenciona se afogar na praia e tenta se enforcar: “Naquela manhã, tentei me enforcar” (PLATH, 1999, p. 173). Para Esther a vida é um peso. Sua rotina passa a ser a busca pela “melhor” forma de morrer. Mais uma vez, pode-se relacionar *A redoma de vidro* com o conceito que a personagem tem da vida. Essa associação se torna mais clara quando Esther afirma não querer ficar *presa* a esta “estúpida *carcaça*”: “O que eu precisava fazer era atacar de surpresa com qualquer sentido que me restasse, ou ficaria presa naquela estúpida carcaça durante cinquenta anos, sem qualquer sentido” (PLATH, 1999, p. 174).



Esther define a vida como algo que a aprisiona. Assim, a personagem acredita que a única saída seria se livrar dessa “carcaça”. Num sentido figurado, seu objetivo é quebrar a “redoma de vidro”, isto é, dar fim à vida para se encontrar com a morte, de modo que, desta forma, ela estaria liberta. No entanto, para Schopenhauer, a morte não torna ninguém livre. O indivíduo deixa de existir, mas a vontade de viver continua num presente inalterável. O sol não deixa de brilhar, como se fosse um eterno meio dia:

[...] aquele a quem o fardo da vida pesa, que amaria sem dúvida a vida e que nela se mantém, mas maldizendo as dores, e que está cansado de aquecer a triste sorte que lhe coube em herança, não pode esperar da morte a sua libertação, não pode libertar-se pelo suicídio: é graças a uma ilusão que o sombrio e frio Orco lhe pareça o porto, o lugar de repouso. A Terra gira, passa da luz às trevas; o indivíduo morre; mas o Sol, esse, brilha como um esplendor ininterrupto, num eterno meio dia. A vontade de viver está ligada à vida: e a forma da vida é o presente sem fim; no entanto, os indivíduos, manifestações da ideia, na região do tempo, aparecem e desaparecem, semelhantes a sonhos instáveis. – O suicídio aparece-nos pois como um ato inútil, insensato[...] (SCHOPENHAUER, 2001, p. 295-296).

Assim como para muitos indivíduos que não possuem o conhecimento de que de a morte não dá acesso à libertação, Esther deposita sua esperança no que, de acordo com as teorias de Schopenhauer, seria um ato insensato e uma ilusão. A personagem consegue apenas enxergar a si mesma e suas próprias “dores”. Por isso, vive tentando morrer. No capítulo treze, conta quando toma comprimidos escondida em um porão para que ninguém a encontrasse e a interrompesse de seu propósito de dar fim à vida: “Enrolei-me na capa preta como se fosse uma suave sombra, abri o vidro de comprimidos e comecei a engoli-los rápido, com goles de água, um a um” (PLATH, 1999, p. 184).

Depois de ser “salva” continua pensando da mesma forma, isto é, a redoma é de *vidro* e não de ferro ou de madeira, e assim por diante. Este fato faz deste elemento algo forte e frágil ao mesmo tempo, levando em conta que um material de vidro pode se quebrar a qualquer momento. O título do romance é mencionado algumas vezes pela personagem. Pelo modo que ela se refere a tal “redoma”, entende-se esta como símbolo da vida que tem o poder de aprisioná-la, mesmo sendo frágil (por isso de vidro), no sentido em que a morte pode interrompê-la. É essa a busca da personagem: a interrupção de algo que com sua fragilidade tem força para sufocá-la.

Partindo dessas questões, pode-se verificar no capítulo quinze que o único desejo de Esther era mesmo não estar viva. Por isso, não conseguia ser grata com a Sra. Guínea, a pessoa



que se compadeceu de sua situação e patrocinou uma clínica particular para que ela pudesse se recuperar da depressão. Na seguinte afirmação da personagem, é possível se fazer a associação entre a vida e a redoma de vidro que a tornava prisioneira; e mais uma vez, constata-se que os acontecimentos externos não eram responsáveis por seus sentimentos interiores:

Eu sabia que devia ser grata à Sra. Guineá, mas não conseguia. Se ela tivesse me dado uma passagem para a Europa, ou um cruzeiro de volta ao mundo, não faria a menor diferença, porque onde quer que eu estivesse – no convés de um navio, na calçada de um café em Paris ou em Bangcoc – estaria dentro da mesma redoma de vidro, asfixiada na minha própria respiração ácida. (PLATH, 1999, p. 202).

Os sentimentos da personagem de *A redoma de vidro* vão de encontro às teorias de Schopenhauer. A vida, para ele, é sofrimento: “[...] o sofrimento é o fundo de *toda vida*” (2001, p. 326). Na visão do filósofo, isto significa que não só a existência humana, mas também, os animais, em grau menor, também padecem. Portanto, viver é o mesmo que sofrer.

De acordo com as teorias de Schopenhauer, na vida não é possível ser dotado de repleta satisfação. Quando uma aflição é extinta, logo outra vem para substituí-la. O filósofo afirma que “o sofrimento e as mágoas chegam facilmente a um grau em que a morte se nos torna desejável e nos atrai sem resistência.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 328). É o que acontece com a personagem Esther. Por não mais suportar a infelicidade que a atormenta, a insatisfação que a persegue, busca o suicídio de forma incessante.

No entanto, como já visto, de nada adianta a prática do suicídio, conforme planeja Esther. Esta age como alguém que enxerga apenas a si mesma, não tendo conhecimento de que ainda que ela desapareça, a vontade de viver continuará e o sol não deixará de brilhar. Schopenhauer ainda afirma: “quando um indivíduo morre, a natureza no seu conjunto não fica mais doente; a vontade também não.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 290).

Para finalizar, devem-se considerar as ideias de Schopenhauer perante a vida que, para ele, não é dotada de felicidades e satisfações. Ao contrário, como o próprio filósofo afirma, ela é um constante sofrimento. Isso pode até nos levar ao desejo de procurar a morte, assim como faz Esther. No entanto, como para o filósofo esta alternativa não nos traz a solução, pressupõe-se que o ser humano está amarrado a essa vontade, que nos faz viver, mas não nos imuniza do sofrimento, nem nos torna livres quando nos encontramos com a morte. Essa concepção dialoga com o título *A redoma de vidro* tão presente na fala da personagem que conta seus próprios infortúnios. É como se fosse alguém que se vê “obrigada a obedecer” à vontade de que discorre



Schopenhauer. Assim, ela se sente aprisionada, nessa vida, que se assemelha a uma redoma de vidro.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Ana Cecília de. *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

PLATH, Sylvia. *A redoma de vidro*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.